

Mapeando gênero nos deslocamentos transnacionais: brasileiros em Londres*

Simone Miziara Frangella
Doutora em Ciências Sociais
Pesquisadora Visitante Goldsmiths College, University of London
Pesquisadora Associada Cebrap

Resumo: O trabalho propõe uma reflexão preliminar sobre a experiência migratória recente de brasileiros para Londres a partir de alguns aspectos relacionados a gênero. O fluxo migratório analisado é crescente e cada vez mais visível no quadro europeu. Homens se desdobram em diversas trajetórias e ocupações no país, criando uma complexidade de práticas e representações que se se alguns casos se amoldam às imagens estereotipadas sobre “brasilidade” trazidas no deslocamento ou já presentes no contexto britânico, em outros casos são desafiadas pelas próprias vivências sociais e culturais destes brasileiros neste contexto transnacional. A partir de uma investigação etnográfica em curso em Londres (desde 2006), procuro compreender essa dinâmica em uma situação de gênero: a análise diz respeito às mulheres brasileiras, a heterogeneidade de suas ocupações de trabalho, suas estratégias de inserção e permanência no país, e como lidam com as representações de gênero associadas à cultura brasileira neste deslocamento.

Palavras-chave: emigração, gênero, representações

A cidade de Londres tem recebido um fluxo crescente de brasileiros na última década¹. Essa realidade faz parte de um movimento em curso de cidadãos brasileiros para países europeus – Portugal, Espanha, Bélgica, Irlanda, França, Holanda, Alemanha – sendo, entretanto, Portugal e Reino Unido as países que mais concentram essa população. Como parte do recente processo de migração transnacional, a ida para Londres é um movimento diversificado e complexo, e que se faz na interface com o movimento de expansão da União Européia (aumentando suas fronteiras para o leste europeu, significando mudanças no fluxo migratório), consequentemente com o ajustamento das fronteiras políticas, econômicas e sociais.

Nesta dinâmica migratória, constata-se uma diversidade das formas de adaptação ao país de chegada, dos tipos de trabalho, das negociações em torno das identidades nacionais, das interações sociais entre brasileiros e igualmente entre esses e os demais grupos sociais, sejam eles nacionais, étnicos, ou migrantes com quem convivem. As relações e construções de gênero atravessam essa diversidade, e constituem um referencial significativo para entender as constantes reelaborações da experiência subjetiva desses homens e mulheres. Do mesmo modo, as relações afetivas – de amizade ou amorosas – um dos aspectos das redes de

* Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

1 Embora a presença de emigrantes brasileiros se estenda a outras cidades do Reino Unido, é Londres que absorve a maioria – calcula-se aproximadamente 80% do fluxo.

relações bastante desafiador na experiência de migrar (Torresan:2007), e recorrentemente cruzadas com as classificações de gênero, são teias de relações que estão constantemente reelaborando as representações identitárias das pessoas que vivenciam essa experiência.

Sob essa perspectiva, optei por levantar algumas reflexões² em torno das vivências de gênero. Neste universo, as considerações que traçarei aqui referem-se especificamente às trajetórias das mulheres brasileiras que migram para Londres, pontuando algumas características do mundo do trabalho e do ganho financeiro, e das representações e experiências sobre ser brasileira que gira em torno desse universo. Tendo como referência algumas recentes problemáticas sobre as imagens da mulher migrante brasileira na Europa, através da mídia e dos debates acadêmicos referentes principalmente a Portugal e Estados Unidos, desejei trazer o contexto etnográfico ao qual me debruço como uma contribuição para pensar os limites e abrangências dessas representações na diversidade dessa migração.

Levando em conta as recorrentes análises em que a mulher brasileira, em um contexto de migração internacional, é aprisionada ou afetada pelas imagens essencializadas e exotizadas de Brasil feminino/mulher brasileira sensual (Pinto:2007) nos países que as recebem, voltei à observação das e às narrativas sobre as experiências das mulheres brasileiras que se deslocam para Londres. A hipótese que levanto é a de que embora a exotização e a sexualização faça parte das imagens que circulam pela metrópole britânica, ela não totaliza nem localiza as representações feitas nem a respeito das brasileiras nem pelas mesmas, o que implica em utilizar estrategicamente os estereótipos, ora reafirmando, ora reelaborando outras características auto-associadas.

A recente emergência da comunidade brasileira em Londres e a escassez de estudos sobre ela foram um incentivo para a minha pesquisa, ainda em curso. O presente trabalho deriva dessa investigação em pleno desenvolvimento. Para expor este estado inicial de elaboração, achei mais proveitoso levantar – ainda que brevemente – os aspectos que têm surgido como mais relevantes na pesquisa etnográfica³, e as reflexões que estes me incitaram. Outros contextos etnográficos são apenas referenciados, embora tenham constituído uma inspiração para minhas questões. Posteriormente a intenção é fazer comparações mais sistemáticas com tais realidades, desejando um desenvolvimento analítico proveitoso para o

2 Reforço, como colocado no resumo, que estas reflexões são preliminares.

3 Comecei a pesquisar a dinâmica da migração brasileira em Londres em 2006, quando fiz uma investigação sobre a cultura brasileira em Londres e a manipulação de aspectos afro-brasileiros neste contexto (Frangella: 2007, no prelo). Em seguida, passei a focar outros aspectos da comunidade brasileira e seu crescimento. O texto que apresento é um resultado de uma pesquisa de material mediático, observação etnográfica, pesquisas qualitativas, e conta também com a minha própria experiência de deslocamento, enquanto brasileira, para o Reino Unido.

campo da migração transnacional. Para fornecer um quadro geral do contexto estudado, fornecerei esboçarei primeiro um breve perfil dessa comunidade e, em seguida, apontarei para alguns aspectos relevantes na alimentação de sua dinâmica, articulados ou manipulados nas experiências cotidianas de mulheres.

O aumento da presença de brasileiros em Londres carece de registros estatísticos que deem conta de sua dimensão. As informações oficiais sobre os imigrantes brasileiros é insuficiente e discrepante quando comparada com dados não oficiais⁴. No entanto, alguns números dão uma idéia do crescimento. Segundo estatísticas do Governo britânico, em 2001 havia cerca de 8000 brasileiros na cidade; estimativas não oficiais calcularam entre 15.000 e 50.000⁵. Já em 2006, um survey aplicado pelo Estado registrou 25.000, enquanto órgãos do governo e outras organizações brasileiros em Londres avaliavam mais de 60.000 (embora fosse um número em disputa, considerado baixo). Atualmente, a estimativa é de 200.000 brasileiros no Reino Unido, dos quais entre 130.000 e 160.000 estão na capital.

Ao que dados e depoimentos indicam, a vinda de brasileiros para Londres até 2000 era moderada⁶. O ano de 2001 é a marca inicial desse fluxo em massa, evidenciado na narrativa de residentes brasileiros na cidade há mais de uma década ou, de profissionais que lidam com a migração⁷. Como resultado, a imigração brasileira se diversifica. Podemos delinear, ainda que como “tipos ideais”, dois segmentos sociais que vêm a Londres. O primeiro, mais antigo na cidade, é em geral de classe média, formado tanto por estudantes ou profissionais que têm vindo por décadas para estudar inglês, ou se especializar na sua

4 A discrepância ocorre porque o governo britânico não possui um controle nem dos brasileiros que entram com passaportes da União Européia (na maioria, italiano, português ou espanhol); tampouco consegue rastrear as pessoas que entram com visto de estudante ou turista e permaneceram após a expiração desse. Por outro lado, os brasileiros, estando ilegais ou considerando sua temporada por Londres curta, não procuram instituições brasileiras, como o Consulado, para registro.

5 *Brasileiros em Londres: relatório para a Campanha de Estrangeiros a Cidadãos (Strangers into Citizens)*, Department of Geography, Queen Mary, University of London, set 2007.

6 Mailis Valentim, em sua dissertação de mestrado, *analisou* a imigração brasileira na cidade junto com os demais latino americanos. Ele indica algumas mudanças no perfil desse fluxo durante as décadas. Nos anos 70 eram os exilados políticos que vinham a Londres, ao passo que na década de 80 a cidade passou a ser um rota de aventura *passado* na Europa. No entanto, Valentim indica que, já nesse tempo, a imigração latino americana para o Reino Unido compunha uma “comunidade” no país. (Valentim, 2005). Atualmente, com o a presença crescente dos brasileiros, pode-se dizer que há pontos de contato e interação entre estes e os demais latino americanos; porém a comunidade brasileira construiu *contornos* próprias.

7 Esta referência a 2001 é uma constante nas entrevistas feitas com pessoas da comunidade que vivem aqui há mais tempo, dentre os quais muitos tem papel ativo nas publicações das revistas que circulam pela comunidade ou nas produções culturais na cidade; esteve presente também em entrevistas que fiz na embaixada e em depoimentos de Victoria Nabas, uma advogada brasileira especializada nos casos de migração. A razão da mudança está relacionada, ao que parece, ao episódio de 11 de setembro nos EUA, quando se aumenta as restrições de entrada neste país, e o interesse em oportunidades econômicas foi direcionado para o Reino Unido.

profissão através de cursos e estágios na capital inglesa; como aqueles que vem simplesmente para passar um tempo na Europa. Embora tenham auxílio de seus pais ou universidades para a estadia, a maioria dessas pessoas dependem também dos trabalhos de meio período (*part-time*), permitidos pelo governo britânico. Este grupo tem uma variação de idade entre 18 e 35 anos, e o principal objetivo é aproveitar a cidade e, em geral, sua estadia em Londres é curta, em torno de dois anos, ou é alternada com longas estadias no Brasil.

O segundo segmento – e cada vez mais numeroso – são os migrantes econômicos, vindos de partes diferentes do Brasil movidos por necessidades ou desejos econômicos. São geralmente oriundos de classes “médias baixa”. O dinheiro ganho na cidade inglesa tende a ser investido no Brasil, ou enviado para ajudar a família. Eles se beneficiam de uma rede de parentes e amigos que podem oferecer possibilidades de trabalho quando chegam. Uma parte significativa desses migrantes econômicos vem com ou encontram o suporte das igrejas pentecostais, algumas já bem presentes e influentes em Londres. Em relação à idade, pode-se considerar que estão entre 25 e 40 anos; dividindo-se entre solteiros (ou que vieram sozinhos e deixaram a família no Brasil) e os imigrantes em famílias. Para conseguirem o dinheiro necessário, sua estadia no país tende a ser mais longa, de três a cinco anos ao menos.

Seguindo a descrição básica desses perfis, pode-se dizer que a maior parte dos brasileiros que tem chegado à capital inglesa provém de Goiás, Minas Gerais, Paraná, e São Paulo (em número menor). No que diz respeito a gênero, os dados não são detalhados, mas a pesquisa etnográfica e alguns levantamentos estatísticos parciais⁸ mostram que o número de mulheres é muito próximo ou vem se aproximando ao número de homens. Assim como em outros contextos de imigração brasileira, as mulheres são fortes agentes no deslocamento transnacional, articulando redes sociais ou criando um fluxo significativo de mulheres sozinhas que mudam por escolha individual (Assis, G: 2004). No que diz respeito à identificação por cor/raça, estima-se que a população negra represente apenas cerca de 5% dos migrantes no Reino Unido.

Finalmente, com relação aos tipos de trabalho, os brasileiros obtêm a princípio, da mesma forma como outros migrantes, os trabalhos não ou semi qualificados, em geral diversos dos que tinham no Brasil. Acabaram predominando em alguns tipos de trabalho, tais como serviço de faxineiro de casas ou escritórios (*cleaners*), especialmente mas não somente as mulheres); em restaurantes, pubs e serviços de buffet (na limpeza, como ajudantes de chefe, ou mesmo servindo bebidas em bares).

8 Recentemente foi lançado um relatório de um levantamento feito em 2006, e uma tentativa de montar um perfil dos brasileiros em Londres. O relatório é de responsabilidade do Departamento de Geografia da Queen Mary University (Universidade de Londres) Evabs, Yara et al.(2007)

Há porém, uma possibilidade gradual de entrada no mercado mais qualificado, sendo necessário que atendam a critérios como a melhora do conhecimento de inglês e o agenciamento de uma rede melhor de conexões e obviamente, condições de visto. São muitas as narrativas de pessoas que, após um período muito difícil de adaptação, conseguiram um emprego melhor remunerado que garantiu o acesso a de um universo de contatos e oportunidades, possibilitando sua vida na cidade. Assim, muitas pessoas conseguem trabalhos em escritórios, bancos, na área de publicidade, gerência de estabelecimentos comerciais e de entretenimento, entre outros. Cabe ressaltar, porém, que recentemente as restrições para renovação de visto tornam esse processo mais demorado.

Há também os migrantes em posição estável, e que gerenciam seus próprios negócios. São os donos de restaurantes, bares, lojas de produtos brasileiros, profissionais liberais, advogados. Há igualmente os serviços de estética pessoal, de costura, couriers/motoristas; serviços de transportadora e mudança, entre outros. Estas ocupações alimentam em geral a própria comunidade, mas já extrapolam esses limites, tornando-se atividades cada vez mais requisitadas pelos londrinos.

Essa descrição indica vários fatores. Em primeiro lugar, como esse crescimento populacional migrante tem sido traduzido em uma substancial circulação de pessoas e produtos brasileiros, adensando a rede de relações sociais e comerciais entre os brasileiros na cidade, e também em uma diversidade de estratégias para se firmar no país estrangeiro e responder às suas demandas de trabalho. Embora a conquista por esse espaço de trabalho e pelo ganho desejado implique em trabalho duríssimo e riscos pessoais, sociais e econômicos, os brasileiros em Londres manifestam na sua maioria o desejo de permanecer por tempo indeterminado, seja pelo seu aludido cosmopolitanismo e referências culturais múltiplas que interessam a quem veio para expandir o campo de visão profissional e pessoal, seja pela contínua oferta de empregos e vantajoso pagamento do trabalho por hora.

A experiência destes imigrantes pode ser compartilhada com outros contextos de migração internacional – o trabalho não qualificado, os conflitos advindos da relação entre centro (os países para onde vão) e periferia (de onde vem), os entraves com uma língua com a qual tem dificuldade (Pinto:2007; Margolis:1993), e os obstáculos crescente para a renovação de vistos. Todavia, ofertas constantes de trabalho e a promessa de ganho (mesmo que em alguns momentos ilusória), assim como a diluição de sua visibilidade étnica em meio a uma pluralidade de outros grupos migrantes com os quais convivem, permitem estratégias que reforçam sua estadia no exterior.

No que toca as mulheres, algumas características desta dinâmica migratória ajudam a entender suas trajetórias e as estratégias que configuram a sua experiência. Em primeiro lugar, enquanto há uma série de imagens construídas e disseminadas sobre brasileiros em Londres, sejam aquelas fomentadas pela “comunidade brasileira”, mas também as imagens incentivadas por um mercado cultural que as importa e as consome, a presença real dos brasileiros na cidade tem uma visibilidade infinitamente menor. Enquanto que produtos e performances culturais brasileiras já vinham sendo trazidas por empresários ingleses e facilitam o mercado de serviços dos brasileiros, a “comunidade” brasileira está em sua plena constituição, e sua inserção na capital é bem menos notada do que a de outras coletividades que compõem seu universo multicultural⁹.

Como no caso de Nova York há uma década atrás, a entrada desses primeiros anos foi silenciosa, nova e não encontrou impacto inicial no repertório cultural da cidade.(Margolis: 1994). Enquanto isso, várias celebrações culturais enaltecendo o futebol, a música, a arte, as manifestações artísticas que res-estetizam a pobreza no Brasil, o samba, aconteceram em locais centrais da cidade. Recentemente, podemos dizer que há uma relativa visibilidade, provocada por vários fatores, desde a morte do electricista Jean Charles de Menezes (em julho de 2005), os conflitos mais recentes que envolvem o debate endurecido sobre a imigração, até a formação de bairros que, longe de serem *ghettos*, marcam a “cara” da comunidade brasileira¹⁰.

Sobretudo, há uma certa indistinção étnica seja no que refere aos fenótipos, seja ao que se refere aos comportamentos. Em um país marcado por discursos e tensões de limites étnicos cotidianos, e que tem no momento outras preocupações nesse campo (tal como a comunidade muculmana), os brasileiros são ainda relativamente incógnitos enquanto um grupo particular – são estrangeiros, como a maior parte dos londrinos. Tal fato não impede que haja enfrentamentos e preconceitos, mas parece diluir possíveis “aprisionamentos simbólicos” (Machado: 2007) que teria em um contexto onde as identidades seriam mais claramente contrastivas (caso de Portugal). Sem estreitas conexões históricas com o Brasil,

9 Pensando nesse contraste, é importante que os brasileiros não pertencem ao conjunto de nações que integra a Commonwealth, os quais recebem certas atenções particulares em relação à imigração no Reino Unido. Também não são politicamente ou religiosamente discerníveis. E, sendo o número de imigrantes ilegais muito alto, não se identificam junto aos órgãos de assistência social. Obviamente que essa situação cria certa vulnerabilidade, e torna as condições de vida mais difíceis como também e facilita a exploração por parte dos empregadores.

10 Neste processo há também a formação de instituições que auxiliam brasileiros, as revistas voltadas para a comunidade, (escritas em português, entre as quais se destaca a *Leros* e a *Jungle Drums*) a presença das igrejas (com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus e Assembleia de Deus). Isto, no entanto, é sobretudo de circulação interna, auxiliando a formação de uma comunidade que procura formas próprias de como organização social e política, embora ainda em desenvolvimento.

mas sem também ignorá-lo do mapa (como se afirmava dos americanos), os britânicos tem um misto de curiosidade com indiferença em relação à presença dos brasileiros. É mais forte, porém, o embate de estereótipos entre as comunidades migrantes presentes na cidade e com quem os brasileiros convivem mais diariamente e com quem disputam lugares nos postos de trabalho (portugueses, colombianos, poloneses, entre outros).

Assim, os brasileiros acionam as imagens de alegria, boa comida, trabalho duro, sensualidade, entre outras qualidades, quando lhes convém nos estabelecimentos e negociações comerciais, nas ofertas de trabalho, e nas relações de amizade e amorosas. Mas algumas características são relativizadas quando elas implicam problemas migratórios, conflitos com vizinhos ou com amigos brasileiros ou estrangeiros, determinadas oportunidades de trabalho.

Em segundo lugar, no que diz respeito à dinâmica da comunidade, ainda que tenhamos dois que se diferenciam em relação à origem econômico-social e às razões de migração, eles são sobretudo tipos descritivos, que nos permitem perceber diferenças nas escolhas de estilos de vida e convívio cultural. No entanto, eles estão, sobretudo no estágio inicial de entrada e adaptação, intersectados. Muitos deles entram no país como estudantes ou turistas e permanecem após a expiração do visto; outros entram com o passaporte europeu e tem assim não somente garantias de entrada, como permissão para trabalhar e benefícios. Quanto ao tipo de passaporte que portam ou o tipo de visto que obtêm não parece haver uma distinção de classe em relação à essas condições. Em geral, os brasileiros que entram, sejam de classe média ou classe baixa, trabalham inicialmente no setor de serviços: limpeza, restaurantes, *babysitters*.

São as atividades básicas para quem entra no país sem falar inglês e sem ter alguma rede de relações que o/a leve a ter acesso a outros possíveis lugares de trabalho. Inicialmente também compartilham as mesmas moradias, os mesmos quartos. Desta forma, estudantes ou migrantes econômicos experienciam formas similares de entrada e ajustamento ao país novo; lidam igualmente com as dificuldades com o visto ou com os arranjos legais de permanência; e passam por situações muito parecidas de deslocamento das suas ocupações anteriores à migração. Em geral, essa situação quase automática do tipo de trabalho, acomodação e visto tende a ser, pelo menos em alguns dos quesitos, temporária. Outras ocupações aparecem em seguida, e conforme o capital cultural, as redes de contato e à adaptação à língua vão sendo aprimorados, o campo de trabalho tende a se diversificar. Alguns brasileiros passam a marcar

territórios ocupacionais como couriers, trabalho em restaurante, transportadores, serviços de estética corporal, trabalho em lojas¹¹.

Entretanto, junto à esse processo se verifica uma grande desconfiança entre os imigrantes brasileiros. Em meio à essa batalha diária por pagar contas, economizar dinheiro (ou seja, ao foco nos ganhos), e pela garantia de permanecer no país, as relações de amizade e trabalho são ambivalentes. Por um lado, a rede de contatos e as ações de solidariedade são fundamentais para a adaptação no país. Por outro lado, são constantes os conflitos e competições, sempre terminando com frases como: “isso é que dá confiar em brasileiro”; ou “não consigo conviver em ambientes brasileiros”.

Esses conflitos nas relações de trabalho e nas relações de amizade e amorosas surgem entre os compatriotas; entre moradores das acomodações; ou nas desavenças e manifestações de assimetria relacionadas ao status legal no país. Os “europeus”, pessoas que obtiveram – de forma legítima ou ilegítima – um passaporte europeu sofrem ou provocam atritos com os que estão em situação ilegal. Nesses conflitos, os estereótipos normalmente associados ao caráter brasileiro estigmatizante aparece como classificação interna.

Dessa forma, seja pelo desejo de adaptação (aprender inglês, conhecer outras pessoas na cidade) ou pelos conflitos experienciados, há uma constante busca de relações também para fora da comunidade, e isso também envolve, embora com intensidades distintas, esses dois “tipos ideais”. Brasileiros de classe média que chegaram para estudar ou “curtir” a cidade, uma vez tendo (ou já tendo) um conhecimento razoável da língua, tendem a interagir com pessoas de países diferentes, em seus cursos de inglês, ou com britânicos que conhecem em bares ou eventos sociais. Os imigrantes econômicos vivem também esse processo, ainda que mais lentamente, em geral pela carga de trabalho, pela dificuldade da língua e pelo maior interesse em vivenciar sua própria cultura (mas nem sempre). No entanto, encontrei muitos que saíam constantemente com portugueses, albaneses, poloneses, indianos, em geral pessoas com quem trabalhavam. Nesse sentido, mesmo com as diferenças de trajetória social e dificuldades com a língua, esses segmentos tendem a criar relações também para fora da “comunidade brasileira”.

11 Há também trabalhos mais específicos e qualificados, ou trabalhos simples que rendam mais dinheiro, como trabalhos em agências publicitárias, ou cargos de gerente de empresas, para dar um breve exemplo. Embora a maioria dos brasileiros não consiga estar neste circuito, não são poucos os que conseguiram posições melhores comparados com esse estágio inicial.

Mulheres e contextos de trabalho

Todos esses elementos descritos pautam as vivências das brasileiras em Londres. Em suas ocupações, nas relações de amizade e amorosas, e nos conflitos, categorias identitárias atribuídas à nacionalidade são operadas constantemente, de acordo com o contexto de interação social e as expectativas do interlocutor, sem que se tornem necessariamente reificantes. Ao mesmo tempo que esse quadro parece familiar e lógico – contextos de migração internacional criam frequentemente situações de comparação e contraste entre grupos (Torresan:2007) – creio que, no caso londrino, onde as marcações étnicas do grupo em questão não são visivelmente definidas e a circulação de atividades e papéis muito intensa, essas articulações em torno de ser brasileira ganha um fôlego particular.

Gostaria de me deter em três particulares atividades de trabalho das mulheres na capital inglesa, procurando enfocar como articulam suas práticas e representações. A primeira atividade é a mais comum e básica de todas, a de faxineira (*cleaner*). Em Londres, as nacionalidades brasileiras e colombianas dominam esse serviço. Há dois tipos de trabalho de faxineiro, nos escritórios ou estabelecimentos comerciais e em residências. Os trabalhos no escritório costumam ser mais pesados porque são coordenados por agência ou por um chefe (em geral, imigrante também), e requerem disponibilidade para trabalhar em horas difíceis (como 5 da manhã ou tarde da noite). São, em geral mal pagos, e as relações de trabalho precárias. Porém, não requer fluência no inglês, e o contato maior é com imigrantes que estão em situação similar. É uma ocupação tanto para homens como para mulheres, mas a presença feminina é maior.

Já o trabalho de limpar casas tem algumas características diferentes. A maioria das pessoas contratadas é mulher; não passa em geral por agentes, e a atividade inclui pessoas de status ilegal ou legal; a hora de entrar no trabalho é mais palatável e leve e garante alguma autonomia no modo de lidar com o tempo. Além do mais, o trabalho doméstico nas casas britânicas é bastante valorizado. Além de bem pago, é em geral respeitado pelos patrões. Mulheres que conseguem empregos como faxineira por períodos mais longos de tempo em uma casa costumam ganhar uma estabilidade econômica e mesmo estudarem¹². Na maior parte dos casos, o trabalho de faxineiro ou mesmo de empregado doméstico mensal não implica moradia no local.

Ser *cleaner* é uma atividade que, como já dito, não passa por distinção econômico-social. Ao mesmo tempo, é um trabalho que poucas das mulheres que migram faziam ou disseram que faziam, enquanto ocupação remunerada, no Brasil. Não é exatamente um

12 O mesmo acontece com as *au pairs* e com as *babysitters*.

emprego desejado, mas é antes um recurso considerado temporário (salvo as mulheres que se deram muito bem nas casas). Para ganhar dinheiro suficiente para pagar aluguel, escola de inglês, alimentação, e salvar para envio ao Brasil ou viagem pela Europa, é preciso cobrir a semana com este trabalho. No caso dos escritórios, o trabalho marca mais forte o lugar como migrante e a exploração por parte dos que agenciam o trabalho é descrita como rotineira. O trabalho duro é um primeiro teste para a permanência no país.

No entanto, apesar da aspereza do trabalho e de sentirem sua precariedade em relação à ocupação que tinham no Brasil (expresso em sentimentos de frustração e humilhação na nova realidade), o trabalho de *cleaner*, além de ser um recurso básico, chamou-me a atenção por outra característica que lhe é relacionada: a da noção de limpeza. De acordo com narrativas de muitas faxineiras – não somente, mas principalmente no trabalho doméstico – a presença maciça das brasileiras na atividade se dá pela sua boa noção de limpeza. Segundo essas mulheres, comparados aos britânicos, os brasileiros tornam e mantêm a casa muito mais limpa¹³. E isso também garante o sucesso do emprego de sua mão de obra como faxineira.

O trabalho de *cleaner* gera poucas interações sociais na duração da atividade, seja porque muitas vezes as pessoas trabalham a maior parte do tempo sozinhas, seja porque falam pouco inglês. Porém, em termos de representações, o aspecto da limpeza como um elemento “cultural” auto referencial aparece como um elemento relevante que postula uma diferença com o e afirma a brasilidade frente ao “país empregador”. Destacar-se na limpeza garante uma atividade que dribla as condições de ilegalidade; serve como uma extensão útil às mães recém chegadas impedidas de fazer qualquer outra atividade; coloca-se como contraponto simbólico aos estrangeiros¹⁴. Vale dizer igualmente que, no geral, a apreciação dos britânicos pelas faxineiras brasileiras já foi manifesta em depoimentos de revistas femininas ou conversas cotidianas.

Uma segunda atividade é a de trabalho em pubs, restaurantes e hotéis. São sobretudo as brasileiras mais jovens que ocupam estes postos, mas não é restrito a essa idade. As atividades podem ser de faxineiras, ajudantes de cozinha, recepcionistas, atendentes de balcão, garçonetes. Os critérios para estas atividades são, em geral, disposição para longas

13 O problemático padrão de limpeza das casas britânicas é uma referência constante nas falas e opiniões populares sobre o país, incluindo algumas piadas auto-referenciadas em cartões postais britânicos. E, além de remeter aos cidadãos originários do lugar, também se estende a muitas das minorias que os habitam.

14 Em outras atividades também efetuadas por mulheres brasileiras, outros esterótipos associados são reforçados por estas. Um por exemplo, é o trabalho de cuidar de crianças. Há o discurso de que as brasileiras (junto com outras comunidades latinas e asiáticas) são cuidadosas e acima de tudo, carinhosas. Há também o trabalho de depilação feito por brasileiras, muito procurado pelas londrinas por limpar o corpo de pelos de uma forma sensual (a depilação chama Brazilian bikini).

horas de trabalho (às vezes dupla jornada), falar o básico de inglês (salvo para limpeza), ser atenciosa, ter condições básicas de boa aparência e higiene. A maioria desses lugares exige também a regularidade da situação legal, mas muitos estabelecimentos fecham os olhos para tais regras.

Nestes lugares, o trabalho revela uma dimensão pública das relações dessas migrantes. Elas têm que lidar com os consumidores britânicos e estrangeiros; com seus colegas também imigrantes e em disputa na vaga de trabalho; com seus chefes, com quem tem interações diárias. Nesta circulação pelo mundo público, os usos estratégicos e os embates de representações em torno da imagem essencializada, sexualizada da mulher brasileira é comum. Não é, no entanto, a condição de sucesso dessas relações. As meninas são bastante abordadas pelos clientes e algumas vezes favorecem o flerte, que pode ou não ir além do espaço de trabalho. Dizer que é brasileira instiga o repertório imaginário de homens de muitas nacionalidades, e muitas dessas mulheres podem vivenciar isso como uma oportunidade de ascensão social ou como um ponto inicial para uma realização amorosa. Em muitos casos, porém, se torna uma situação de embaraço, e criam reclamações recorrentes de preconceito.

Mas isso foi revelado como um aspecto do trabalho, e longe ser o central para o seu sucesso. O trabalho é ainda considerado uma etapa no caminho das mulheres imigrantes em Londres para trabalhos qualificados, e os ganhos são muito moderados, mas representa um importante passo na constituição de uma relação de amizade com os “londrinos” - que podem ser os britânicos ou os demais migrantes que se encontram na mesma situação que elas. Nestas relações, é comum que haja conflitos e aproximações com outras mulheres que compartilham esse mesmo trabalho – imigrantes, vindas de países do Leste Europeu, de Portugal, de outros países da América Latina. As disputas estão em geral em torno de uma atribuição à arrogância das brasileiras em insistirem na sua “sensualidade natural” e quase sempre codificada entre clientes ou colegas de trabalho. Esse contexto parece reforçar minha hipótese de que as representações estereotipadas das mulheres brasileiras constituem um ponto de visibilidade sobretudo na relação destas com outros grupos que disputam seu trabalho.

Por fim, gostaria de descrever brevemente a atividade de dançarina de *strip-tease*, uma ocupação das menos visíveis ou explicitadas no interior da comunidade brasileira ou nos meios de comunicação britânicos. A maior parte das mulheres que faz esse trabalho é solteira, ou mãe cujos filhos estão no Brasil. Normalmente elas entram com visto de estudantes ou turistas, e estão na faixa entre 20 e 35 anos. Em geral, também, a atividade de

dançarina não consta como plano neste deslocamento. O conhecimento das casas de dança circula nas redes de sociabilidade (moradia, amizades) entre brasileiros, e ainda que muitas pessoas tenham conhecimento informal das *performers*, a atividade é bastante velada¹⁵.

A opção por ser uma dançarina – que eventualmente leva às redes de prostituição, embora não necessariamente – é justificada pela alta recompensa financeira, um contraste absoluto com as ocupações que vínhamos falando até agora. Embora muito desse dinheiro vá para os filhos, os pais ou parentes que elas afirmam sustentar no Brasil, essa atividade também alimenta bastante os desejos de consumo, entre marcas de roupas, aprimoramentos estéticos, viagens, morar em lugares caros de Londres. A atividade permite que essas mulheres acumulem ocupações diferenciadas. No entanto, com o tempo, e dependendo do sucesso da atividade, essa passa a ser única.

Nestes lugares, onde também dividem espaço particularmente com as mulheres advindas de países do Leste Europeu, as mulheres brasileiras levam muita vantagem, particularmente em função do estereótipo de mulher “sensual e quente”. Tendo essa imagem como premissa classificatória, elas tendem a reforçá-la nas performances e se destacam nos clubes de strip-tease. Através dos depoimentos que tenho recolhido nas pesquisas, as dançarinas – que regularmente complementam sua atividade com sexo pago após as performances – são levadas a esses lugares através dessas redes, e trabalham de forma independente, sem agenciamento. A atividade parece não ser também um elemento que bloqueia suas redes de sociabilidade, principalmente porque ela tem pouca visibilidade.

De forma muito breve e descritiva – espero voltar a essa discussão com mais tempo e dedicação, desejei indicar, a partir do contexto etnográfico no qual trabalho, que as mulheres imigrantes brasileiras na cidade de Londres vivenciam uma diversidade de representações em seus trabalhos, que por sua vez alimentam suas demais relações de sociabilidade. Essas diferentes representações e práticas incluem alguns estereótipos que têm sido fontes de estigma e marcadores identitários limitantes, como parece ser o caso de Portugal (Pinto, 2007; Machado: 2007). Porém, elas incorporam outras imagens que emergem em situações de contrastes identitários pautados pela nacionalidade, que ou amenizam os estigmas sexualizantes ou que se referenciam a outras auto-referências sobre brasilidade. Sobretudo, elas evidenciam o agenciamento dessas mulheres em sua negociação cotidiana.

Os usos e desconstruções das representações sobre o universo feminino brasileiro nesse deslocamento atravessa os domínios público e privado, e evidencia estratégias que

15 Em certo sentido segue o mesmo caso das go go girls que Margolis sobre Nova Iorque. (Margolis:1994)

procuram ora evidenciar a sensualidade como um trunfo nacional, ora obscurecê-la elevando qualidades do mundo do doméstico para se contrapor ao país acolhedor.

Creio que esses agenciamentos são possíveis, entre outras razões, pelo fato de que esses esterótipos não são codificados imediatamente pelos britânicos. O agenciamento das imagens parece também se adequar à realidade das experiências públicos e privados londrinos, à desconexão daquele país com nossa história, a uma não identificação fenotípica da cultura brasileira, a uma circulação intensa de pessoas e produtos, e onde o mundo do trabalho condiciona uma diversidade nas estratégias simbólicas dos imigrantes semi-invisíveis.

Referências bibliográficas

Assis, Gláucia. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais Universidade Estadual de Campinas Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp, Campinas, 2004.

Evabs, Yara et al. *Brasileiros em Londres: relatório para a Campanha de Estrangeiros a Cidadãos (Strangers into Citizens)*, Queen Mary University, University of London, setembro de 2007.

Frangella, Simone M. *Afro-Brazilian culture in London: images and discourses in transnational movements*, 2007 (no prelo).

Machado, Igor J. Renó. “Estereótipos e encarceramento simbólico no cotidiano de imigrantes brasileiros no Porto” in *Um Mar de Identidades – A imigração brasileira em Portugal*. Machado, Igor J. Renó (org.) São Carlos:EDUFSCAR, 2006.

Margolis, Maxine L. *Little Brazil: An ethnography of Brazilian immigrants in New York City*. New Jersey, Princeton University Press, 1994.

Pinto, Luciana Pontes. “Mulheres Imigrantes Brasileiras em Lisboa”. in *Um Mar de Identidades – A imigração brasileira em Portugal*. Machado, Igor J. Renó (org.) São Carlos:EDUFSCAR, 2006.

Torresan, Angela. “Quem Parte, Quem Fica: uma etnografia sobre imigrantes brasileiros em Londres, Inglaterra” Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

-----“Emoções fora do lugar: negociando amizade em Lisboa” in *Um Mar de Identidades – A imigração brasileira em Portugal*. Machado, Igor J. Renó (org.) São Carlos:EDUFSCAR, 2006.

Valentim, Mailis. *L’immigration latino-américaine, et plus particulièrement brésilienne, à Londres des années 1970 à nos jours*. Mémoire de Maitrise. Université Sorbonne- Paris IV, Sept 2005.